

A ESCRITA DO NOME PRÓPRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Louriete Ribeiro de Araújo¹

Ana Clarissa Gomes de França²

Milena Paula Cabral de Oliveira³

Eixo temático: 6, Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens.

Resumo

A partir da compreensão da escrita como linguagem, temos como princípio que as práticas destinadas ao seu aprendizado na Educação Infantil precisam acontecer em momentos de interação, nas vivências sociais e culturais das crianças. No entanto, as referidas práticas muitas vezes se configuram como forma de preparação para o Ensino Fundamental e acontecem de modo desconectado das vivências, linguagens e necessidades na primeira infância. O presente texto discute alguns dados construídos no âmbito de uma pesquisa sobre as experiências com a linguagem escrita e suas relações com o contexto cultural das crianças em uma instituição de Educação Infantil do Campo. Neste trabalho, objetivamos analisar as atividades desenvolvidas para apropriação da escrita do nome próprio, sendo este, um texto que legitima a identidade da criança. A investigação assume princípios da Abordagem Histórico Cultural de Lev S. Vigotski (2007) e proposições do dialogismo de Mikhail Bakhtin (1995; 2003). Para tanto, foram selecionados trechos do diário de campo elaborado nas sessões de observação em uma turma multidade de uma escola do campo de um município da região central do semiárido potiguar. Foi possível identificar experiências que possibilitam a aprendizagem da escrita do nome em situações contextualizadas e com finalidades conhecidas pelas crianças, assim como, em situações de cópia e repetição que não oportunizam a reflexão e construção de suas ideias e hipóteses. Concluímos que o trabalho com o nome próprio pode envolver um conjunto de experiências significativas para as crianças, na medida em que considerem suas vivências, os processos de construção de sua identidade e as práticas sociais e culturais...

Palavras-chave: Linguagem Escrita; Educação Infantil; Nome Próprio; Crianças.

Introdução

A infância, dada outras etapas de vida humana, é uma categoria histórica inspirada pelas ações sociais que a marcam, determinada pelos modos de ser criança, sujeito que se desenvolve conforme vivencia as relações sociais e culturais que pertencem. A partir dessa

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Rural do Semi-Árido - UFERSA, louriete.araujo@alunos.ufersa.edu.br

²Professora Mestre da Educação Básica da Rede Municipal de Natal – RN, anaclarissarn@yahoo.com.br

³ Pedagoga institucional da Universidade Rural do Semi-Árido - UFERSA, milenapaula@ufersa.edu.br

compreensão, a inserção da criança na etapa da Educação Infantil possibilita, desde a tenra idade, experiências com diversas linguagens. Porém, dentre esse universo, a escrita vem assumindo um maior protagonismo por ser alvo de muitos debates sobre a sua finalidade nessa etapa educativa. Assim, compreendemos a linguagem escrita como prática cultural de interação, de relação entre sujeitos e a linguagem em processos de apropriação e produção de sentido. Partimos então, do pressuposto que a apropriação da linguagem acontece, ou melhor se produz conforme os sentidos construídos nas relações que as rodeiam (VIGOTSKI, 2007).

No entanto, as práticas que envolvem a leitura e escrita na Educação Infantil ainda se configuram, em sua maioria, como práticas preparatórias e/ou antecipatórias do Ensino Fundamental. Para Ferreiro (1995), é fundamental refletir sobre os tipos de práticas através das quais as crianças são introduzidas no mundo da leitura/escrita, bem como sobre a maneira com a qual a linguagem escrita é apresentada pelo intermédio dessas práticas. (1995, p.34). Desse modo, evidenciamos então a necessidade de pesquisar/compreender, nos espaços da Educação Infantil, os modos de interação das crianças com a linguagem escrita.

A partir desse interesse, o presente texto discute alguns dados construídos no âmbito de uma pesquisa sobre as experiências com a linguagem escrita e suas relações com o contexto cultural das crianças em uma instituição de Educação Infantil do Campo. O recorte aqui apresentado serve como base para discussões, na qual objetiva analisar as atividades desenvolvidas para apropriação da escrita do nome próprio, sendo este, um texto que legitima a identidade da criança.

A pesquisa se ancora na Abordagem Histórico Cultural de Lev S. Vigotski (2005; 2007) e nas discussões de Mikhail Bakhtin (1995; 2003), pela compreensão qualitativa dos sujeitos e dos processos de elaboração de sentidos, na qual compreende o objeto de estudo a partir do meio social. Ancorada nesses princípios, foi realizada uma pesquisa de campo em uma turma de multiidade⁴ da Educação Infantil numa escola do campo de um município da região central do semiárido potiguar.

Foram realizadas sessões de observação em turnos completos de atividades, em semanas diversas e em dias alternados. As observações foram registradas em diários de campo com registros escritos e imagéticos, garantindo registros das atividades das crianças em seus processos de escrita e de leitura. A turma observada é composta por 12 crianças, sendo 3 de creche (2 a 3 anos), 5 no Pré I (3 a 4 anos) e 4 crianças no Pré II (4 a 5 anos).

⁴ Turma com crianças com idades diferentes

Apresentamos na sequência do texto, nosso referencial teórico sobre a linguagem escrita na Educação Infantil, de modo especial, as experiências com nomes próprios. E logo após, na terceira seção, situamos nossas análises das atividades observadas na turma.

2 A Escrita como linguagem e as experiências com Nomes Próprios

O processo de construção da linguagem flui da relação entre a maturação e o social. “O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança” (VIGOTSKI 2005 *apud* DANTAS, 2016, p. 98). O que resulta dessa relação é a inter-relação entre o pensamento e a linguagem.

É a partir da linguagem que o ser humano identifica e menciona seus interesses e necessidades através da fala, escuta e da escrita. Galvão (2016), denomina a escrita como cultura do escrito cujo entendimento “[...] nos leva a definir cultura escrita como o lugar – simbólico e material” (p. 17). Portanto, essa linguagem se comporta como fonte e identificador de cultura.

Desse modo, partimos do entendimento de uma linguagem entendida como meio de acesso que se integra na sociedade como instrumento social (BAPTISTA, 2012), “é concebida como interação, como uma ação entre indivíduos, atividade social histórica e em função disso, como um dos elementos constitutivos do processo de humanização, (LOPES; VIEIRA, 2015, p. 02).

Nesse sentido, ela não se materializa nas grafias alfabéticas e sim na atividade de interação por meio do escrito, seja ele composto por uma escrita convencional ou não. Ferreiro (2011), corrobora nesse pensamento de que as crianças não precisam saber reconhecer ou escrever identicamente a outros, mas nos seus registros autônomos podemos compreender e mostrar para a criança que ela já desenvolve o processo de escrita.

Ferreiro (1995) afirma que uma das maiores informações escritas é o nome da criança, ele é a sua primeira referência de escrita convencional, além de produzir na criança a sensação de pertencimento.

[...] dada a importância que sua realização sonora adquire em nossas vidas, pelo batizado, apresentação entre pessoas, etc. O nome próprio [...] comporta um acento sonoro particular, e, parece-nos, talvez também por isso, adquirir um brilho especial para o sujeito, destacando-se do rol dos outros significantes linguísticos. (BOSCO, 2005, p.16)

Desse modo, o uso do nome da criança como base para o trabalho com a linguagem escrita dá sentido ao processo de aprendizagem dessa linguagem, visto que é composto por

afetividade e significação, faz parte de sua identidade e ainda se configura como uma escrita estável para os aprendizes.

3 Práticas para Ensinar-Aprender o Nome Próprio - quais experiências?

Na turma pesquisada, a professora desenvolveu atividades partindo do nome das crianças, considerando a escrita como uma linguagem, e o nome próprio como texto que legitima a identidade da criança sobre os gêneros discursivos construídos nas práticas sociais em que ele (o nome) é utilizado. Sendo assim, foi possível analisar alguns trechos - cenas das práticas cotidianas- , que envolvem modos diferentes de apropriação da escrita do nome pelas crianças, descritos a seguir:

- “Leitura” do Nome pela identificação da atividade

Dentre as observações realizadas na turma participante da pesquisa, a seguinte cena apresenta uma situação de atividade que envolve a linguagem escrita, na qual foi realizado um exercício de “leitura” pela criança, a partir do reconhecimento sua própria produção:

Júlio olha para o varal. Vai em direção às atividades.
A professora fica observando.
(Percebo que ela o deixa livre para achar seu nome)
Com a atividade na mão, ele olha atentamente para as atividades, em silêncio.
A professora vai orientando encontrar seu nome:
cadê seu nome, Júlio?
Qual a primeira letra do seu nome, Júlio?
Júlio pega em um pregador com o nome Joana. Ele olha, olha e olha pra sua professora, fica intrigado. Mas percebe que não é o nome dele. Então, sozinho, ele começa a busca pelos seus registros, os desenhos, e começa a folhear as atividades.
A professora para de olhar para ele e vai olhar a atividade de outra criança na cadeira. Júlio continua buscando suas atividades. Ele está decidido a encontrar suas produções. Começa a comparar os desenhos. Por algum motivo ele fica parado diante de uma atividade de outra criança. Mas ele encontra um desenho seu que te dá a certeza do seu nome. Então ele olha para o nome no pregador e confirma que é seu nome e grita:
Tia, achei, achei
Júlio, com um rostinho de alegria, coloca sua atividade junto com as demais atividades

e volta todo satisfeito para sua cadeira.

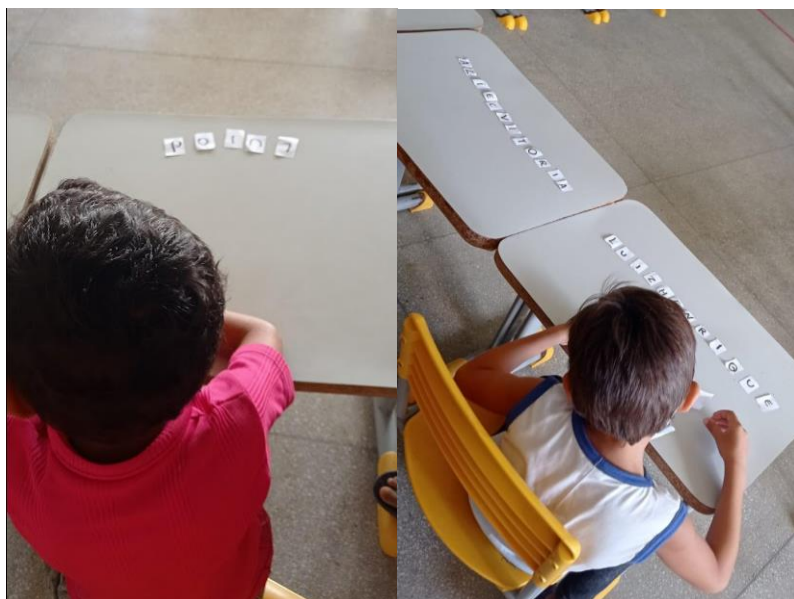
(Diário de campo, ARAÚJO, 2022)

Os desenhos feitos pela própria criança serviram como suporte para identificar onde estava a escrita do seu nome. Não foi necessário recorrer à professora, nem comparar com as letras do alfabeto expostas na parede, ele identificou naquilo que é dele e que pertence a ele, seus desenhos e as letras do seu nome. Se ao invés do desenho da própria criança houvessem letras digitadas sem nenhuma impressão de Júlio, ou se a professora ao invés de deixá-lo encontrar suas atividades tivesse mostrado qual era, talvez aquele momento de reconhecer seu nome se configurasse sem sentido/pertencimento na sua investigação. Esse exercício realizado pela criança demonstra que além de ainda necessitar do desenho como suporte para a leitura, ela não usou qualquer desenho, e sim o que traz a sua marca, seus traços, sua produção.

- Escrita do Nome com letras móveis

Em outro momento, usando o nome da criança como texto norteador da atividade, as crianças experienciaram escrever com as letras móveis. A professora entrega letras dos nomes em papéis recortados e pede para as crianças montarem seus nomes, como é possível ver a seguir:.

Foto 1: Montagem dos nomes das crianças



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Esse momento de produção se deu sem a mediação direta da professora, cada criança “montou” seu nome de acordo com os conhecimentos já produzidos sobre eles. Elas organizam as letras na medida em que ouvem suas próprias vozes ao falar baixinho seus nomes. A foto à esquerda mostra a criança aguardando a professora vir observar sua produção. O nome é **Julio**⁵ e a criança organiza as letras da seguinte maneira: **JOIUL**, a partir do conhecimento que ele tem acerca da letra inicial do seu nome. A foto à direita mostra a criança⁶ olhando para a sua própria produção, na qual organizou as letras de modo a formar o seu nome: LUIZ HENRIQUE.

Essa atividade evidencia uma maior interação/aproximação da criança com a escrita, permitindo o desenvolvimento livre e identitário da criança a partir do que já sabe sobre a escrita do seu nome.

- **A ‘escrita’ do nome com consulta ao alfabeto**

A seguir, temos o cenário da professora convidando as crianças a identificarem as letras dos nomes no alfabeto e a escreverem na lousa:

Uma criança não consegue escrever o nome completo e escreveu **Si**. A professora orienta que identifique no alfabeto que está abaixo do quadro em cartolina sobre o desenho apresentando em uma lagarta.

Olhe no alfabeto, Silvano

Em silêncio ele olha para as letras e a professora pergunta:

Qual é a letra agora?

Ele escreve mais algumas letras e deixa o seu nome escrito assim:

Escrita da criança: SI AVA

Nome: Silvano

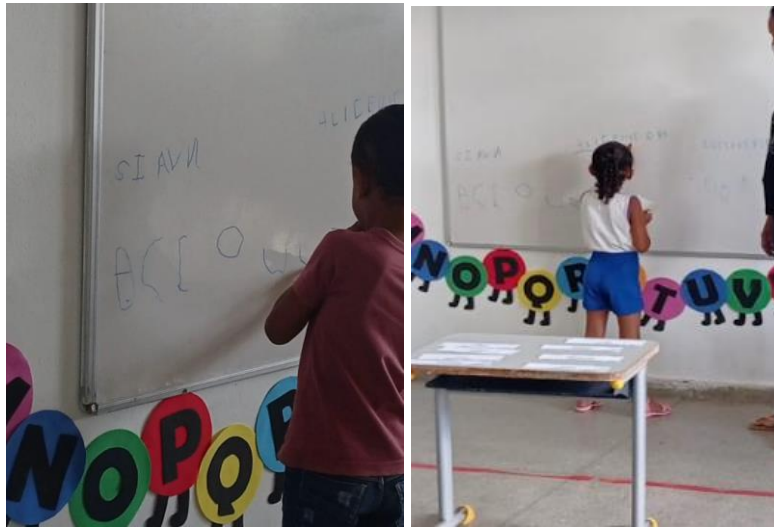
(Diário de campo, ARAÚJO, 2022)

É possível perceber uma experiência que se diversifica na interação da criança com os objetos quando ela vai ao quadro escrever. Nesse momento, apesar da professora indicar que ela consulte o alfabeto que está embaixo do quadro, ela realiza a escrita do seu nome sem a avaliação corretiva da professora. As letras que estão ali expostas servem como um suporte para a escrita. Nessa atividade as crianças exercem autonomia e liberdade na escrita dos seus nomes.

⁵ A criança faz o nível pré I.

⁶Se encontra no último ano da Educação Infantil.

Foto 2: As crianças escrevem seus nomes no quadro



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Atividades desenvolvidas com o nome permite que o processo de aprendizagem da linguagem escrita tenha significado real para as crianças. Independente das diferenças de idades existentes na turma, percebemos avanços em suas escritas através do que compartilham umas com as outras, mesmo aquelas que ainda não conseguiram escrever os nomes com autonomia, a essas, ao invés da escrita do nome, são orientadas a mostrarem as letras que o compõem.

No entanto, no que tange a tantas recorrências da escrita das letras dos nomes das crianças, ainda que de forma “inicial”, entendemos essas práticas de cunho preparatório de níveis subsequentes às crianças como um cuidado antecipado ao Ensino Fundamental.

- **A Pintura da letra inicial do Nome**

Observamos também outra experiência pensada para as crianças que estão na creche. A pintura da letra inicial do seu nome, usando o dedo. A criança é levada a reproduzir os movimentos feitos e orientados pela professora que inicialmente fez o desenho mostrando como deveria fazer e no momento da criança realizando a ação ela é orientada para seguir determinados comandos como posição do dedo e direção limitada a uma só forma de escrever sua letra. Esta experiência poderia ter sido mais autônoma para a criança se lhe fosse oportunizada maior liberdade para interagir com a escrita, permitindo o contato dela com a letra do seu nome.

Foto 3: Criança pinta a letra inicial do seu nome



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Assim, percebemos a dificuldade da criança em poder atuar em seu espaço a colocando no lugar de obediência a uma atividade preparada apenas para ela cobrir/pintar. Vemos aqui uma atividade que prioriza o trabalho com a coordenação motora, na intenção de, independente da idade, aprenda a grafar letras.

- **A cópia de letras para “escrita” do Nome**

Em outro dia, foi observada novamente a escrita dos nomes em uma proposta de convite, a atividade foi desenvolvida de modo diferente para cada criança, considerando suas idades, conforme nota de campo a seguir.

A professora entrega um papel com os nomes das crianças pré II, (uma espécie de ficha).

Eu vou dar essas fichas a vocês, aí vocês devolvem quando terminar.

Ao observar a escrita das crianças, **a professora dita as letras dos nomes a serem escritas** e fala com satisfação:

*Só em duas semanas **já estão quase escrevendo o nome***

Às crianças do pré I, continuam **ensinando movimentos da escrita das letras** bem próximo das crianças.

faça o P. Sobe, desce[...]

De algumas crianças ela escreve o nome na atividade e **pede que elas cubram e transcreva em baixo**. A essas crianças não faz a entrega das fichas com os nomes.

(Diário de campo, ARAÚJO, 2022)

Apesar da proposta se diferenciar respeitando o nível das crianças, a prática ainda se apresenta como tentativa de reprodução das letras formais ao conduzir e direcionar as crianças à escrita de modo convencional, sem espontaneidade, desconsiderando a criança como autora de sua escrita, no seu tempo e em seu nível natural de desenvolvimento. Com preocupação existente na grafia correta do nome, a professora além de ditar as letras, estimula a cópia e o exercício de cobrir letras.

4 Considerações Finais

A escrita é uma linguagem que se desenvolve no exercício de atividade com o outro, com a cultura. Portanto, seu processo de aprendizagem deve priorizar seus conhecimentos existentes. As cenas observadas e aqui citadas nos permite inferir que a compreensão da linguagem proposta na turma de Educação Infantil pesquisada se entrelaçam por meio de apropriação identitária das crianças - pelo trabalho com o nome próprio - , porém, por momentos de repetição e cópias com distorção do entendimento da aprendizagem.

É possível identificar que ainda existe uma preocupação ilusória com a preparação para a escrita gráfica futura nas orientações de transcrição dos nomes, nas pinturas das letras iniciais ou na reprodução da escrita. No entanto, o exercício da escrita e da leitura se dá não somente em atividades de grafia, mas também através de suas expressões, seja pelo desenho, pela pintura, pela identificação de suas produções, elas podem a todo momento vivenciar a diversidade da linguagem escrita sem a necessidade urgente de produzir uma escrita convencional.

É preciso compreender/interpretar/valorizar as expressões/sentimentos/pertencimentos das crianças com a diversidade em sua expressão escrita. A criança não precisa ser preparada, e sim, ser amplamente apoiada e considerada em suas singularidades. As práticas com crianças na Educação Infantil precisam oportunizar experiências e convívio com a escrita , porém, sem a obrigatoriedade delas grafarem convencionalmente qualquer palavra ou texto, ainda que seja o mais importante de todos, o seu próprio nome.

Referências

BAPTISTA, Mônica Correia. A Linguagem Escrita e o Direito à Educação na Primeira Infância 1. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL:**

CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2012. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2012.

BOSCO, Zelma Regina. **A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança**. 2005.

DANTAS, Elaine Luciana Sobral. **Educação Infantil, Cultura, Currículo e Conhecimentos: sentidos em discussão**. 2016.311f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo. Cortez, 2011.

FERREIRO, Emilia. O desenvolvimento da alfabetização: psicogênese. In GOODMAN, Yeta M. (Org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 22-35.

FREITAS, Maria Teresa. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

FREITAS, Maria Teresa. **A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento**. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e KRAMER, Sonia. (orgs). Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção questões da nossa época; v. 107).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Crianças e Cultura Escrita. In: BRASIL. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016.

LOPES, Denise Maria de Carvalho; VIEIRA, Giane Bezerra. **Linguagem, Alfabetização e Letramento: o trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança**. 1. ed. Natal/RN: UFRN, 2015. v. 7. 27. s/p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Psicologia e pedagogia).